

## VIVER NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS DA VIDA URBANA NA COMÉDIA *AS FIAS DE MAMÃE*<sup>1</sup>

*Yuji Gushiken*

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professor do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). E-mail: [yug@uol.com.br](mailto:yug@uol.com.br).

*Joilson Francisco da Conceição*

Publicitário, diretor de teatro e aluno do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). E-mail: [joilson.francon@gmail.com](mailto:joilson.francon@gmail.com).

### **Resumo**

Neste artigo, de caráter descritivo, apresentam-se dados parciais de pesquisa sobre a relação entre comunicação, teatro e cidade, tendo como base de investigação uma peça teatral escrita, produzida e encenada na década de 1990 na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, cujo foco é vida cotidiana de duas personagens que migram do interior para a capital e passam a viver os dramas da vida urbana. A peça é *As Fias de Mamãe*, comédia em que busca-se discutir a experiência de modernização e os dramas urbanos como elementos capazes de produzir o riso de si como autocrítica das condições socioculturais das sociedades em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Comunicação; Teatro; Cidade.

### **Abstract**

In this article, a descriptive, we present partial data from research on the relationship between communication, theater and city, based on research a play written, produced

---

<sup>1</sup> Artigo constituinte de dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT) e do Projeto de Pesquisa “Modernização tecnológica e midiática: Imagens da cidade e demandas do cosmopolitismo” (Propeq/UFMT).

and performed in the 1990s in the city of Cuiabá, Mato Grosso, whose focus is the daily life of two characters who migrate from the countryside to the capital and begin to live the drama of urban life. The play is *As Fias de Mamãe* comedy that seeks to discuss the experience of modernization and urban dramas as elements capable of producing laughter of themselves as self-criticism of the sociocultural conditions of developing societies.

**Key-words:** Communication; Theatre; City.

## INTRODUÇÃO

O texto da peça *As Fias de Mamãe*, escrito em 1998, pelo dramaturgo Joilson Francisco da Conceição, narra histórias comentadas, ouvidas, observadas e vividas pelo autor nas hinterlândias da Baixada Cuiabana. *As Fias...* buscou dar continuidade ao projeto teatral "*Depois que mamãe morreu...*" (1997), de Willian de Paula e Antonio Marcos Lima, que fazia do linguajar cuiabano o foco da produção textual. Entre as experiências na cidade e as experiências dramatúrgica, o texto de *As Fias de Mamãe* põe em cena as personagens Benedita Sampaio e Amazonina Bocaiuva, irmãs que se reencontram em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, para velar o corpo da mãe.

Amazonina, irmã mais velha, mora com seu esposo, filhos e sua tia Doquinha, senhora idosa, no sítio em Acorizal-MT, cidade distante aproximadamente 67 km de Cuiabá e é chamada para vir à capital do Estado, pois sua mãe está passando muito mal. Benedita, a irmã mais nova, solteira, foi quem chamou, porém, não conta que a mãe já está morta e que, na ausência da matriarca, passa por dificuldades morando sozinha na cidade.

A narrativa teatral questiona o que significa viver na cidade aos que migram das hinterlândias para a periferia planejada das cidades médias em seu processo de metropolização. *As Fias de Mamãe* – escrita, produzida e encenada no final da década de 1990 – desenvolve a questão por meio circunstanciais de resistência e de ruptura com os antigos modos de vida, frente aos dramas cotidianos.

A precariedade das personagens se evidencia nas cenas em que Benedita e Amazonina se entranham na experiência de viver na cidade: poucos mantimentos para garantir as principais refeições do dia, colher cajá-manga do quintal para vender na

feira, andar de carona, brigar com cachorro que torna-se estorvo na disputa por comida, necessidade de comprar fiado e anotação na caderneta, expectativa de renda apenas com a poupança e a pensão da mãe falecida, trazer sacola com verduras cultivados no sítio e satisfazendo um gosto particular, usar uma precata gasta, sair correndo do salão de beleza montada em uma bicicleta Monareta emprestada ainda com cabelos e unhas por fazer, espantar as crianças do quintal pra não roubarem os cajás-manga, pegar carona à beira das estradas.

A descrição da experiência urbana que emerge em cada trecho da narrativa: a precariedade sanitária e a higiene pessoal questionada, catação de piolho como ausência de noções de saúde, festas do quartel do exército e bailões nas vizinhanças como possibilidade de comer sem ter que pagar, entrar na fila de distribuição de sacolão pelo LBA (Legião Brasileira de Assistência), receber doação de pão duro para fazer torradas, engolir cuspe para matar a fome, aparar goteira com panelas, vender móveis no pregão, colocar a casa à venda, economia no pó de guaraná, no açúcar e no sabão de barra pra lavar roupas.

De modo simultâneo encontram-se as celebrações em festas e reencontros afetivos, brincadeiras de crianças na vizinhança, a advertência de que é preciso estar na sala de aula estudando, os encontros sociais em torno da cacimba comunitária. Na casa do bairro de Cohab, o retrato pendurado nas paredes, um oratório para as rezas costumeiras, a vitrola com discos de artistas consagrados pelos fãs de músicas populares, referências às cenas de telenovelas. Na medida em que a vida urbana se institui, emergem os desejos de consumo: tomar *milkshake* em *shopping center*, comer baguncinha (cheese-burger) nos lazeres de rua, equipar a cozinha com *tupperware* e comprar perfume da Avon para produzir a beleza.

O objetivo do trabalho de pesquisa é descrever e narrar a relação entre as personagens, o imaginário da cidade e a busca de sentido do que é viver no Oeste brasileiro, segundo o texto teatral. Os dramas da experiência urbana nacional, ao ter como pano de fundo as transformações no imaginário urbano e a singularidade das práticas culturais em Cuiabá, permitem anotar e pensar sobre o teatro como modo de se testemunhar e registrar as transformações do imaginário urbano de uma época. De modo específico, na perspectiva da criação teatral, enfatizar os indícios da experiência da modernização na perspectiva de duas personagens forçadas a assistir à intrusão do capitalismo global na Baixada Cuiabana. O trabalho busca se justificar na medida em que a questão que se impõe é ter o teatro como modalidade de crítica da cultura, na

medida em que politicamente expõe as ranhuras da vida local no contato com o processo civilizatório.

A fonte primordial de informações, neste estudo, é o roteiro de *As Fias de Mamãe* em seu suporte físico impresso/digitalizado. A cidade, como questão, torna-se a base de discussões sobre o texto teatral e o imaginário urbano que ele evoca. No caso, a comédia como constituinte de um imaginário: o cotidiano e suas tramas, a vida cotidiana para além dos processos econômicos. A noção de cotidiano e a modernização de Cuiabá nos anos 1990, como experiências do vivido e do ficcionado, com base em dados empíricos, a postura metodológica busca-se amparar esta pesquisa e discussão nos textos de Gilles Deleuze, Colin Campbell, Manuel Castells, Michel Maffesoli, Félix Guattari, Michel de Certeau, Ulrich Beck e Luiz Beltrão como fonte de estudos contemporâneos, especialmente no que tange às questões urbanas.

A produção de dados empíricos e interpretativos permitem conceber, através da produção teatral, ela própria como resultado de uma experiência de modernização das práticas culturais, uma compreensão mais densa do que tem sido as outras experiências de modernização na cidade de Cuiabá e as interferências que o avanço da globalização impõe no campo da cultura e das artes.

### **Tramas da vida, tramas do teatro**

Nesta trama, a demanda é por um teatro com marcadores da cultura popular urbana: um vocabulário, um linguajar, que arranha a sisudez da língua portuguesa formal. A língua dita inculta, apresenta-se como marca afirmativa da cultura popular em uma comédia de costumes, expondo modos de relações familiares e sociais nos atritos entre modernização e aquilo que insiste em negar-se à entrar na modernidade. O enredo desenvolve-se a partir de uma circunstância: a morte da mãe das personagens e a falta de condições de se realizar um funeral moderno (enterro com caixão e serviços de funerária), a prática de enterro em cova rasa em um cemitério numa hinterlândia (lugar ermo) nas bordas do perímetro urbano.

Ao longo da peça, os transtornos do que significa a ruptura com antigos modos de vida e os desafios do habitar a cidade quando a experiência da modernidade força as transformações nas práticas culturais. Algumas cenas denotam as transformações sociais e materiais na experiência urbana: favorecer-se das benesses da modernidade urbana, mas ao mesmo tempo não ter dinheiro para comprar vela para o velório ou não ter

crédito para ligações no aparelho celular. O drama urbano, no entanto, ganha dinâmica própria nesta peça na medida em que a própria dimensão cultural, ao ancorar-se no característico sotaque local, passa a indicar o fato de que, quando a globalização é vista a partir de Cuiabá, algo de irônico acontece.

*As Fias de Mamãe* reinventa os interiores de uma casa cuiabana, uma casa genérica das condições sociais brasileiras com indícios de modernização que insiste em não se instalar: construção simples, telhado com goteiras, quintal com horta e árvores frutíferas, sem muros, cozinha e banheiro do lado de fora da casa. A casa, vigiada por um cachorro, é decorada com móveis e objetos comuns: quadros com imagens sacras e da família, marcas de mãos, de batons e do tempo nas paredes descoloridas, baú com roupas velhas e tranqueiras, oratório com terços, véu, vela, imagens de anjos e Santo Antonio.

A indústria cultural internacional e nacional atravessa a vitrola com discos de vinil e o aparelho de rádio sintonizado em AM: toca artistas como Alcione, Giliard, Perla, Menudo, Gretchen, Patotinhas, *Los Angeles*, Pinduca e Wando. Os novos objetos de consumo, entre artesanais e industriais: espelho com moldura laranja, vidro de perfume Charisma, mesa e cadeiras de madeira, vassoura de piaçava gasta, rádio sintonizado em AM, moringa d'água, viola de cocho, uma rede no armador da sala, bobes, grampo invisível de cabelo, precata, tênis Kichute e conga, cinto de tala larga, roupas coloridas, reformada e reutilizadas, entre outros.

Na peça, a rua do bairro onde moram as personagens Amazonina e Benedita não tem asfalto, a água falta muitas vezes na rede de abastecimento básico. Constituem a experiência de urbanização das personagens. Na cidade, elas usufruem de luz elétrica, transportes táticos em sistemas de charretes, bicicletas, mototáxi, ônibus ou caronas. Morando próximo ao centro da cidade, dispõem de bolichos, quitandas, mercearias, padaria, cacimba comunitária, do rio principal que abastece a cidade. A cidade, como totalidade urbana, disponibiliza serviço de assistência social, pronto-socorro, ensino básico, fundamental e superior, clubes de lazer, pregão, escola de inglês, banco, quartel do exército e telefonia celular – embora nem todos estes equipamentos urbanos sejam acessíveis à população em geral.

Uma casa, uma família, um contexto com turbulência dos afetos, enfrentamento da ordem, resistência na vida cotidiana e reserva da sociabilidade de base, numa determinada zona de contato, de estratégias "capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar" (CERTEAU, 1994). Duas

cuiabanas, órfãs de pai e mãe, com suas esperanças, sonhos e medos. As semelhanças e características que as diferem estão contidas nas suas ações e no que elas dizem no sotaque “cuiabanês” que destoa do português culto e formal. A necessidade dramática, o ponto de vista, a mudança e a atitude das personagens estão no arcabouço de significados culturais configurados pelo autor sob o que pode significar o viver na cidade Cuiabá nas condições socioeconômicas das personagens. A dureza do trabalho, o poder do dinheiro, o papel da mulher na sociedade, a maturidade precoce, a violência em suas variadas formas, o novo que se instala e às descobertas da vida moderna em um território evidentemente nacional, cambiados pela simplicidade, familiar, gentil, permitindo ao agente leitor ter noção do que significava viver numa cidade nas transformações urbanas da década de 1990.

## **A cidade**

Com quase três séculos de fundação e localizada no Centro Geodésico da América do Sul, Cuiabá com área de 3,538,167 km<sup>2</sup>, na década de 1990, onde os fatos narrados acontecem na comédia *As Fias de Mamãe*, pertence ao estado de Mato Grosso (Brasil). Quem nasce em Cuiabá recebe o gentílico de cuiabano(a). Em 1991, década em que a narrativa é produzida, a população total do município era de 402.813: população urbana de 395.662, população rural 7.151, taxa de urbanização 98,22%. No período 1991-2000, a população de Cuiabá teve uma taxa média de crescimento anual de 2,13%, taxa de urbanização cresceu 0,37, e em 2000 a população do município representava 19,30% da população do Estado, e 0,28% da população do País.

A ordem da natureza apresenta característica que incidem na performance cultural dos hábitos cuiabanos: como índice pluviométrico de 1470 mm por ano, relevo de baixa amplitude, clima tropical quente sub-úmido, vegetação de cerrado com arbustos, próxima a mais dois ecossistemas que são o Pantanal e a Amazônia. Os rios Cuiabá, Coxipó, Coxipó-Açu, Aricazinho, Aricá, Pari, Mutuca, Claro, São Lourenço, das Mortes, Cumbuca, Coluene, Jangada, Suspiro, Casca e Cachoeirinha<sup>2</sup>, os mais importantes da Baixada Cuiabana, colaboram para o modo de como se constitui a singularidade de Cuiabá.

---

<sup>2</sup> Dados da Prefeitura Municipal de Cuiabá, IPDU, Perfil Socioeconômico de Cuiabá, volume III, 2007.

Transformações diante dos fatos históricos e das condições ofertadas pela natureza, adequadas pelas necessidades dos agentes que nela incidem, a cultura cuiabana segue sua dinâmica manifestando seu modo de criar referências, estabelecer diálogos e conquistar espaços sociais que lhes proporcionam condições de reprodução e transformações sociais na vida moderna. Cada sociedade, em cada época, constrói uma centralidade que lhe é peculiar. O povoamento de Cuiabá iniciou com a descoberta de ouro às margens do rio Coxipó, por bandeirantes paulistas em busca de minerais preciosos e do índio para o trabalho escravo. A descoberta do metal precioso, às margens do lendário rio Coxipó, ensejou a fundação de Cuiabá em 8 de abril de 1719, com o surgimento do "Arraial de Forquilha", denominação dada ao primeiro povoamento que daria origem à cidade. Três anos depois – em 1722 – foram descobertas as "Lavras do Sutil", rica jazida encontrada nas proximidades do córrego da Prainha e da "Colina do Rosário", onde foi construída a histórica igreja do Rosário, situada no coração de Cuiabá. Expandia-se, assim, a população, com a descoberta do ouro. A notícia do ouro logo extrapola os limites do lugar e exerce poderosa atração migratória, trazendo consigo a burocracia do governo colonial português, com seu sistema de controle e poder. Nesse contexto Cuiabá é elevada à categoria de vila, com o nome de "Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá". A queda da produção, aliada à baixa qualidade do ouro de aluvião e impostos elevados, mais a descoberta de novas jazidas na região, causaram um período de decadência na exploração do ouro. As atividades agrícolas substituíram a mineração, passando a ocupar papel de sustentação da economia local. Após esse período de estagnação, quase um século depois de sua fundação, Cuiabá conquistou a condição de cidade, através da Carta Régia de 1818, e declarada capital de Mato Grosso em 1835, 17 anos depois.

No final da década de 1930, o programa da "Marcha para o Oeste", em curto espaço de tempo, deixou suas marcas na cidade, que ganhou nova feição com a edificação de sua primeira avenida, a Avenida Getúlio Vargas e nela prédios destinados à administração pública, agências bancárias, hotéis e de lazer. Ao findar o século XX, a capital com suas principais atividades econômicas (comércio varejista, prestação de serviços e indústria) tinha projetos planejados para compor o suposto desenvolvimento da Baixada Cuiabana. Alguns de interesse da sociedade civil, como a ampliação do aeroporto para voos internacionais, a conclusão e pavimentação da rodovia Cuiabá-Santarém e a saída rodoviária para o Oceano Pacífico pelo Oeste do país. Outros projetos eram de interesses setoriais como a nunca realizada ligação ferroviária com o

Porto de Santos, a mais que polêmica hidrovía do Paraguai, a Usina de Manso, a Usina Termoelétrica e o gasoduto. Concluídos alguns destes projetos, dada sua localização geopolítica estratégica no centro do continente, Cuiabá consolidaria sua vocação firmando-se como um dos mais importantes centros intermodais de transportes da América do Sul, prosseguindo com as façanhas desenvolvimentistas como as linhas de telecomunicações instaladas por Cândido Rondon.

É nestes aspectos físicos, culturais, simbólicos e imaginários da vida que a mulher ocupa seus espaços, numa postura de existência e de igual direitos, no processo modernizante que a cidade que se apresenta cordial, hospitaleira e bem humorada recebe os de "tchapa" (que nascem em Cuiabá) e os "paus-rodados" (que nascem em outro lugar e passam a morar em Cuiabá). A narrativa em *As Fias de Mamãe*, também nos leva a imaginar a cidade Cuiabá semelhante a Macondo, na obra "Cem Anos de Solidão", de Gabriel Garcia Marques<sup>3</sup>. Cenas do cotidiano, que mais parecem cenas urbanas em uma Cuiabá nos anos 1990: banheiro (o único) do lado de fora da estrutura da casa, tomar banho com pouca água e "de latinha", mensagens enviadas a parentes via rádio AM, fazer piquenique após tomar banho no córrego, uso de "dispositivos" como precata (sandálias), funda (estilingue) e práticas como jogo de amarelinha, lavagem do santo e enterro de morto em uma rede de tecido indicam um modo antigo, bem anterior aos anos 1990, ou algo pra lá dos sertões com poucas habitações, infraestrutura e com rara comunicação com o mundo.

Mas também dá indícios de modernidade, centro urbano e pertencimento enquanto Cuiabá, Mato Grosso, Brasil e Mundo, ao expor aparelho celular, caderneta de poupança, pregão, a comunicação de massa, centro de cultura inglesa e possibilidades táticas de locomoção. Nos anos 1990, Cuiabá sofre a desaceleração no processo de investimento público diante do foco destinado a outras cidades no interior do Estado. Porém, a urbanização aumenta em Cuiabá e com ela os reflexos das mudanças econômicas ocorridas. Na busca por melhores condições de vida, os serviços públicos e privados tornam-se atrativos para aqueles que vieram das hinterlândias (comunidades entre a cidade/cidade, cidade/campo, campo/campo; distritos), cedendo espaço para a tecnologia, mão de obra especializada, e investidores dominando grandes áreas.

---

<sup>3</sup> Na obra "Cem Anos de Solidão" (1967), de Gabriel Garcia Marques, apresenta Macondo, uma aldeia fictícia e a saga da família Buendía em um ínterim de cem anos. O escritor situa os ocorridos no pequeno povoado ante os principais acontecimentos históricos do período, estabelecendo uma perfeita conexão entre micro e macro, mesclando, simultaneamente, elementos reais e fantásticos. Percebemos também na trama uma intrínseca relação entre percepção individual e memória coletiva, visto que os eventos vêm sendo contados conforme a percepção dos personagens.

Segundo dados da Junta Comercial de Mato Grosso, a capital tinha 90% de sua mão de obra e receita voltada para o funcionalismo público. Metade das empresas encerrava atividades nos primeiros cinco anos de existência. O comércio variado e de prestação de serviços, somados às poucas indústrias instaladas na região, trazem ao imaginário o progresso e fluxo modernizante das experiências urbanas.

A modernização, no entanto, atravessa as geografias. Os países em desenvolvimento, mais que escolher a modernização, são escolhidos por ela. Guerras, processos políticos, globalização, popularização dos computadores pessoais conectados à internet, expectativa e os estilos de vida proporcionados pela ciência e tecnologia, economia e autoafirmação cultural demonstraram uma ideia de independência, liberdade, rompimento de barreiras, de conceitos e preconceitos. A cidade, nos fluxos da globalização mantém, produz, repara, transforma as funções urbanas convergindo e dispersando informações. Assume o papel de centro de atividades com ofertas de bens e serviços para as hinterlândias.

### **Teatro como crítica cultural**

A sociedade de consumo que se anuncia nos sertões brasileiros, na expansão dos serviços privatizados e que geram a dinâmica do consumo no homem contemporâneo e que "viveria em um estado de desamparo, tornando-se o único responsável por atingir seu êxito. Estaria suscetível a medos, frustrações, ansiedades e à produção de novas e efêmeras necessidades de consumo - consumo que perpassa as aquisições materiais e chega ao domínio das subjetividades" (LIPOVETSKY, 2007).

O mundo sob efeito da globalização existe apenas como o somatório das paisagens dos lugares e cotidianos construídos pelos sujeitos de cada local. A modernização na cidade Cuiabá faz perceber que as práticas de consumo atende às necessidades naturais, biológicas, físicas e espirituais. Colin Campbell (2001) comenta que a frustração com a vida e a busca da realização dos prazeres pela ilusão geram anseio contínuo nas pessoas, desencadeando um consumo de relacionamentos assim como de bens e serviços que se renovam a partir de sucessivas decepções.

Na sociedade contemporânea, consumo é ao mesmo tempo um processo social que diz respeito a múltiplas formas de previsão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses mesmos bens e serviços; um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem; uma estratégia

utilizada no cotidiano pelos mais diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades (BARBOSA & CAMPBELL, 2006: p. 26).

Os objetos e as suas disposições, os movimentos e as expressões em nossa casa e na rua são indicativos muitas vezes inconscientes das concepções, ações nossas e dos grupos aos quais pertencemos, demonstrando o sentir-se eficaz nas vivências cotidianas. Porém, "o consumo não é apenas de objetos e de filmes, mas também da atualidade levada à cena, do catastrófico, do real à distância" (LIPOVETSKY, 2007).

O que nos interessa a todos é a forma que escolhemos para sobreviver. E essa forma de sobreviver é tão importante que determinadas pessoas preferem morrer a transgredi-las. Imaginar que em situações extremas de miséria, violência, guerra e calamidade, estamos observando seres humanos atuando apenas como organismos vivos em busca da sobrevivência a qualquer custo é ignorar os inúmeros exemplos que a história e a vida cotidiana nos oferecem a todo instante (BARBOSA & CAMPBELL, 2006: p. 38).

Certos que, identificando que o crescimento urbano aconteceu, independente da modernização nos anos 90 em Cuiabá, porém, investimentos em outra perspectiva da cidade surgiram e lentamente foi entrando para a paisagem do espaço urbano. A verticalização e as construções de condomínios fechados, casa populares, invasões e apropriações pelo uso do desocupado permitiram a expansão do consumo por vias de aquisição e uso de bens utilizados na aquicultura, indústrias extrativas, indústrias de transformação, eletricidade e gás, água, atividade de gestão de resíduos e descontaminação, construção, comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, transporte, armazenamento e correio, alojamento e alimentação, informação e comunicação, atividades financeiras de seguros e serviços relacionados a atividades imobiliárias, atividade profissionais, científicas e técnicas, atividades administrativas e serviços complementares, administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais, artes, cultura, esporte e recreação, outras atividades de serviços frente a globalização.

Uma década se passou e a cidade ficou mais cara operacionalmente, pois, garantir a infraestrutura necessária para a acomodação, circulação, manifestação e idealizações enquanto cidade média, se faz necessário o fomento do transcender os limites da Cuiabá vivida e ficcionada.

### **Cidade vivida, cidade ficcionada**

A cidade Cuiabá nos anos 90 experimentou um conjunto de transformações sociais, econômicas e territoriais manifestadas em diferentes intensidades sob avanço do capitalismo pelo Centro-Oeste brasileiro. O espaço urbano torna-se expressão e materialização dos processos mobilizadores das transformações sociais, onde a produção do espaço tem relações diretas na reprodução ampliada do capital, bem como a formação de novas geografias, com novas desigualdades espaciais (HARVEY, 2006).

Os fluxos globalizados implicam no avanço de capitais nas áreas periféricas contribuindo com os novos modos de lidar com essas transformações. A aceleração contemporânea (SANTOS, 1994) se realiza no conjunto de mudanças que unem dialeticamente o passado e o presente, tempo e espaço, natureza e sociedade. Os conflitos decorrentes, compreendidos a partir dos processos que modelam os espaços e os seus usos, o crescimento das cidades estão sob influências das redes de circulação dos indivíduos em busca de realizações no seu processo de existência e pertencimento.

Na construção da identidade, vários sentidos desempenham o papel de ligar às pessoas, às coisas e os acontecimentos, mas o espaço é sublinhado. É por meio das lembranças dos espaços que as experiências se fixam na memória e na sensibilidade. Pertencer a uma cidade, a um estado, a uma nação não é apenas uma condição legal, é compartilhar experiências e vivência dos espaço. O tempo, se considerado como pulsão de vida ou de morte dos corpos, objetos, coisas e produtos, que marca a sucessão dos eventos, que modela e transforma os agentes, configura e desconfigura os indivíduos e as comunidades sociais, ajuda a construir a narrativa de uma história.

A cidade, nos fluxos da globalização, mantém, produz, repara, transforma as funções urbanas convergindo e dispersando informações. Assume o papel de centro de atividades com ofertas de bens e serviços para as hinterlândias. As interações vão desde o processo de nascimento, passando pelas experiências vividas na relação direta e de influência, até o fato considerado como morte de cada elemento envolvido. Reconstrói-se nessa relação particular com o cosmo e com a vida, um “recompor” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos e inesperados, miraculosos (DELEUZE & GUATTARI, 2004: grifo nosso).

Na peça, a comunicação feita entre cidade e as hinterlândias aparece por meio de recados enviados e transmitidos via rádio AM, cartas postadas via correio, boca à boca

nos trânsitos em vias de deslocamento de um ponto ao outro, seja em conversas com vizinhos, no comércio, instituições diversas ou em casa mesmo. Saber como o outro é e está, sacraliza e estiliza as relações na cidade, apresentando temas dos mais variados como: as intrigas familiares, economia, tradições, religiosidade, juventude, drogas ilícitas, saúde, gravidez na adolescência, moda e modos de se comportar em público. As notícias chegam e são resignificadas pela multiplicidade de pensamentos, colocando o mais banal cotidiano da vida oficial, em *As Fias de Mamãe*: o povo e sua cultura.

O mito do isolamento e os indícios da vida precária das personagens, pela falta de dinheiro para o custeio das necessidades básicas traz a sensação de abandono contrapondo às criativas formas de se resolver nas relações sociais, sobrevivendo ao dia a dia.

Quando as circunstâncias que concentram a consciência valorativa no dinheiro não existem mais, o dinheiro começa a revelar o seu caráter verdadeiro como puro meio, o qual se torna inútil e insatisfatório logo que a vida depende, exclusivamente dele. O dinheiro é, propriamente, nada mais que uma ponte aos valores definitivos, e não podemos morar numa ponte (SOUZA, 1998: In Simmel, p. 11).

Destaca-se neste momento, que as personagens não são pobres ao perceber na narrativa que elas possuem casa própria, relações familiares e sociais. Entender que pobreza não está ligada ao objeto dinheiro, mas é reflexo na trama a precariedade que as mesmas insinuam. O teatro narra e questiona o que significa viver na cidade quando as experiências urbanas possibilitam novos modos de vida migrando das hinterlândias para a periferia planejada das cidades médias em seu processo de metropolização.

### **Considerações finais**

A experiência urbana, na perspectiva da produção teatral, permite perceber o mundo num processo inserção de novas formas espaciais que tomam conta da paisagem urbana, transformando as experiências dos cidadãos, onde a tendência é a produção de um espaço urbano cada vez mais fraturado e segmentado socialmente. Na comédia *As Fias de Mamãe*, a cidade expandiu-se e os fluxos globalizadores impulsionaram a construção imaginária do que significa para cada indivíduo ter que se adaptar à sociedade urbana.

Algumas cenas denotam as transformações sociais e materiais na experiência urbana: favorecer-se das benesses da modernidade, mas ao mesmo tempo não ter dinheiro para comprar vela para o velório da própria mãe ou não ter crédito no celular para fazer simples ligações. O drama urbano, no entanto, ganha dinâmica própria nesta peça na medida em que a própria dimensão cultural, ao ancorar-se no característico sotaque local, passa a indicar o fato de que, quando a globalização é vista a partir de Cuiabá, algo de irônico acontece.

*As Fias de Mamãe*, peça teatral constituinte de uma imagem da cidade de Cuiabá, apresenta-se capaz de zombar de si mesma. Neste caso, talvez seja conveniente considerar a ironia de si como aquele procedimento moderno de autocrítica, na qual os projetos que constituem a vida contemporânea devem estar constantemente sob avaliação pelos próprios atores sociais. O teatro, talvez, buscando a crítica através da ironia, talvez se alinhe à perspectiva de que apenas interpelando a realidade social e os próprios projetos é que se alça a uma condição minimamente moderna.

### Referências bibliográficas

- ARRUDA, António de. **O linguajar cuiabano e outros escritos**. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1998.
- BARBOSA, Livia & CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CANCLINI, Néstor G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3ª ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONCEIÇÃO, Joilson F. **As fias de mamãe - tetralogia**. Cuiabá: Biblioteca Nacional / Ministério da Cultura / Escritório de Direitos Autorais, 2005.
- DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **O espaço no fim de século: A nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DOUGLAS, Mary. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- GUATTARI, Félix. Da produção de Subjetividade. In: **Imagem-Máquina**. PARENTE, A. (org) Rio de Janeiro: 34, 1993.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A produção capitalista do espaço**. Trad.: Carlos Szlak. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Tempo das tribos, o - o declínio do individualismo: Nas sociedades de massa**. França: Rio de Janeiro: Forense Universitari, 1998.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro: editora Record. 1967.

PREFEITURA Municipal de Cuiabá / Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano. **Perfil Socioeconômico de Cuiabá**. Cuiabá-MT: Central de Texto, 2007.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1994.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. (org) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). Brasília: UnB. 1998.